

Anexo

## Tigre de Papel, Dragão de Fogo

*André Gunder Frank*<sup>1</sup>

---

*Aportes*, Revista de la Facultad de Economía, BUAP, Año X, Número 29, Mayo - Agosto de 2005

Com o fim da guerra-fria em 1989 e o subsequente declínio da Rússia como um sério competidor imediato, assim como o declínio durante os anos de 1990 do fama do Japão como número um, duas outras regiões, Estados e poderes entraram na disputa. Um foi os Estados Unidos, cujos sucessos e expectativas pareciam ter declinado depois de 1970, mas que foram retomados nos anos de 1990; e mesmo assim como um Tigre de Papel. O outro foi a Ásia Oriental, apesar da sua crise após 1997, e especialmente a China—o Dragão de Fogo. Em termos globais, podemos ver isto como um processo de deslocamento contínuo do centro de gravidade do mundo na direção do Ocidente no globo, da Ásia Oriental/China para a Europa Ocidental, depois, através do Atlântico, para os Estados Unidos, e aí então do litoral oriental para o litoral ocidental, e agora progressivamente, através do Pacífico, de volta para a Ásia Oriental, como foi observado no meu “A Volta ao Mundo em Oitenta Anos”. Vamos

inquirir posteriormente sobre o que foi até agora a última etapa deste processo histórico.

### **Tigre de Papel: os Estados Unidos no Mundo**

Qual é a base e a certeza da posição e do poder dos Estados Unidos no mundo? A resposta é os dois pilares do Dólar e do Pentágono. O dólar é o tigre de papel—literalmente isso, e muito mais do que quando Mao empregou este termo para os Estados Unidos. A força e a mobilidade do Pentágono é dependente do dólar que, em troca, o sustenta. Mas as duas torres de sustentação dos Estados Unidos são também seu dois calcanhares de Aquiles. Por causa delas, tal como ocorreu com as torres gêmeas do World Trade Center em New York—todo o edifício norte-americano pode ruir em pedaços numa manhã—não pelo terrorismo, mas pelas operações do mercado financeiro na economia mundial e pelas políticas imprudentes do próprio governo dos Estados Unidos.

Os Estados Unidos ainda possuem a maior economia do mundo, que viveu épocas de crescimento durante a maior parte dos anos de 1990, e possuem também um

---

<sup>1</sup>Gunder Frank, Andre (2003) “Tigre de papel, dragão de fogo”, en Theotônio dos Santos (coord.) *Os Impasses da Globalização*, Ed. Loyola, Brasil, agosto 2003 (21 pp.)

poder militar sem rival, que é superior ao conjunto dos outros doze ou mais poderes militares combinados. Além disso, a administração do presidente Bush faz uso de ambos em políticas unilaterais, para impor sua vontade sobre o resto do mundo, igualmente a amigos ou adversários, a todos os quais Bush lançou o desafio que diz “ou vocês estão conosco ou contra nós”. Conosco significa que vocês devem fazer tal como nós dizemos, contra nós significa que vocês estão sob a ameaça de serem destruídos econômica e politicamente, e também militarmente, como desejarem. No caso de haver qualquer dúvida a respeito das nossas intenções e capacidades, a Rússia e a Argentina são os principais exemplos no fronte econômico, como são o Iraque com o boicote, e também a Sérvia e o Afeganistão no fronte militar. Estas últimas empreitadas —mas realmente ambas as coisas— são o que o presidente Bush pai chamou de *Nova Ordem Mundial* quando bombardeou o Iraque em 1991. Eu chamei isso de *Terceira Guerra Mundial* em dois sentidos: em primeiro lugar, porque isto aconteceu no *Terceiro Mundo* e, em segundo lugar, porque esta guerra contra o Terceiro Mundo constitui uma *Terceira Guerra Mundial*.

A prosperidade e o bem-estar do povo norte-americano repousa primeiramente na sua posição no mundo hoje, assim como foi a posição da Grã-Bretanha no século XIX. Esta observação é fundamentalmente diferente da fama política e vinda dos meios de comunicação sobre as fontes da superioridade norte-americana, que estaria supostamente no seu gênio, na sua moral, na sua produtividade e em outras características que supostamente diferenciam os Estados

Unidos do resto do mundo. Pelo contrário, esta superioridade dos Estados Unidos repousa em dois —talvez três— pilares: 1) o *Dólar* enquanto moeda mundial, cujo privilégio monopolista de cunhar os Estados Unidos dispõem à vontade; 2) o *Pentágono* com sua capacidade militar sem rival; 3) talvez o terceiro pilar seja o governo, a alimentada *Ideologia* educacional e dos meios de comunicação que oculta estes simples fatos da opinião pública. Além disso, cada um desses pilares sustenta o outro: custa dólares manter o Pentágono, suas bases em 80 países em volta do mundo e o desdobramento das suas forças militares em volta do globo. Os gastos militares são as causas principais dos dois déficits norte-americanos, no orçamento federal e na balança comercial. Inversamente, a força do Pentágono ajuda a sustentar a confiança global no dólar.

Mas esta mesma confiança recíproca na força, por esta mesma razão, constitui também os dois mutuamente relacionados calcanhars de Aquiles dos Estados Unidos. O dólar é literalmente um Tigre de Papel, na medida em que ele é cunhado no papel, cujo valor está baseado somente na sua aceitação e na confiança que se tem nele em todo mundo. Esta confiança pode declinar ou ser totalmente retirada quase de um dia para o outro e levar o dólar a perder a metade ou mais da metade do seu valor. Sem considerar o corte no consumo e no investimento norte-americanos, assim como a riqueza denominada dólar, qualquer declínio no valor do dólar comprometeria também a capacidade dos Estados Unidos de manter e aumentar o seu aparelho militar. Inversamente, qualquer desastre militar enfraqueceria a confiança no valor do

dólar. De fato, no Fórum Econômico Mundial de Davos de 2003, as elites da política e dos negócios mundiais expressaram temores muito graves de que o simples aumento das forças militares dos Estados Unidos, por exemplo, contra o Iraque, poderia trazer uma depressão mundial. O “Time Magazine” desta semana relata um estudo abrangente da indústria aeronáutica norte-americana, que conclui que uma guerra contra o Iraque levaria a metade desta indústria à bancarrota imediata. Sendo assim, o que seria então das linhas aéreas não-americanas, que são ainda mais frágeis? A incerteza que sobrevém com o ruído do sabre militar e ameaça solapar a confiança no dólar e coloca freios no investimento. E nenhum procedimento ideológico é suficiente para ocultar totalmente esta situação econômica.

De fato, o mundo já está em depressão, da qual por enquanto somente os Estados Unidos estão substancialmente e o Canadá e a Europa Ocidental estão parcialmente isentos. E estes últimos se encontram nesta condição, por causa da posição privilegiada especialmente da economia norte-americana na economia global, de cujo infortúnio os norte-americanos têm extraído os benefícios desta posição, que, repetindo, é essencialmente derivada do privilégio de cunhar a moeda mundial com a qual os norte-americanos podem primeiramente comprar toda a produção do resto do mundo a preços deflacionados reduzidos, e depois obter os mesmos dólares de volta vindos de fora para serem investidos em Wall Street e nos certificados do Tesouro norte-americano para a guarda e/ou para a obtenção de lucros maiores do que estão disponíveis em qualquer outro lugar.

Na metade dos anos de 1980, James Tobin [o inventor da taxa Tobin sobre transações financeiras] e eu, até onde vai o meu conhecimento, fomos os únicos que já tínhamos publicado previsões de *de*-flação como sendo um perigo futuro para a economia mundial. Os fazedores de política econômica, contudo, ignoraram estas advertências e este risco [não realmente um risco, mas uma conseqüência necessária], embora continuassem com suas políticas destinadas a combater a *in*-flação. No entanto, desde então, os preços das mercadorias caíram acentuadamente e substancialmente e mais recentemente os preços industriais caíram também. Além disso, no que diz respeito à economia *mundial*, a alta inflação em relação às respectivas moedas nacionais [pesos, rubros etc.] e sua acentuada *desvalorização* frente ao dólar enquanto moeda mundial provocaram uma efetiva *de facto* maior *de*-flação no resto do mundo. Isto reduziu seus preços e tornou suas exportações mais baratas para aqueles que compram suas moedas com dólares, em primeiro lugar, naturalmente, os consumidores, os produtores e os investidores nos —e dos!— Estados Unidos. Estes, além disso —o que é sempre difícil de mencionar!— podem e compram todo o resto do mundo com dólares que “custam” apenas sua cunhagem e distribuição, o que, para os norte-americanos, não custa virtualmente nada. [A nota de 100 dólares é o dinheiro vivo mais usado no mundo, sobre a qual gira toda a economia russa, e há duas ou mesmo três vezes o número delas circulando tanto fora quanto dentro dos Estados Unidos]. O crescimento e o bem-estar norte-americanos e em seguida o orçamento federal “equilibrado” da administração

Clinton de 1992 a 2000, contrariamente às suas pretensões populistas, apenas fizeram coincidir com este crescimento. Os também 8 anos de longa prosperidade dos Estados Unidos foi inteiramente construído nas costas de uma terrível depressão e deflação, gerando assim um marcado aumento da pobreza no resto do mundo. Durante esta única década, a produção declinou em torno da metade na Rússia e na Europa Oriental, a expectativa de vida na Rússia diminuiu de dez anos, a mortalidade infantil, a embriaguez, o crime e o suicídio aumentaram como nunca antes em tempos de paz. Desde 1997, a renda na Indonésia diminuiu pela metade e gerou uma crise política permanente. Este é o desperdício da entropia gerada nos Estados Unidos e suas exportações para fora, para aqueles que são obrigados a absorvê-las numa *desordem* cada vez maior. Seria difícil encontrar melhores exemplos —a não ser a destruição de toda a sociedade na Argentina, em Rwanda, no Congo, em Sierra Leone, na anteriormente próspera e estável Costa do Marfim— para não falar dos países que foram acometidos pela destruição provocada pelo poder militar norte-americano.

Tudo isso, dentre outras coisas, teve as seguintes conseqüências: os Estados Unidos podem exportar a inflação que de outro modo seria gerada por seu grande estoque de dinheiro em casa, cuja baixa taxa de inflação nos anos de 1990 não era portanto nenhum resultado miraculoso da política monetária doméstica “adequada” do Federal Reserve. Os Estados Unidos só puderam cobrir sua balança comercial e também seus déficits orçamentários com o dinheiro e os produtos baratos vindos de fora. O déficit comercial norte-americano gira ago-

ra em torno de aproximadamente 400 bilhões de dólares por ano e continua crescendo. Destes, 100 bilhões são cobertos pelos investimentos japoneses de suas próprias economias nos Estados Unidos, que não poupa nada, dinheiro que os japoneses podem logo ter de repatriar para administrar suas próprias operações bancárias e sua crise econômica —especialmente se uma guerra dos Estados Unidos contra o Iraque acarretar ainda que seja um transitório pico no preço do petróleo, de cuja importação o Japão é tão dependente. Outros 100 bilhões vêm da Europa, na forma de vários tipos de investimento, incluindo investimento real direto, investimento que poderia secar na medida em que a recessão europeia venha a continuar, na medida em que os europeus fiquem exasperados com a política norte-americana, ou na medida em que eles tenham outras tantas razões para reduzir suas reservas em dólares e por outro lado transformem estes dólares em seus próprios euros. Outros 100 bilhões são fornecidos pela China, que inicialmente vende para os Estados Unidos suas manufaturas baratas em dólares e em seguida acumula estes dólares como reservas cambiais externas— assim de fato entregando os produtos dos seus pobres produtores aos norte-americanos. A China faz isso para manter suas exportações fluindo e suas indústrias funcionando, mas, caso se decida destinar estes produtos para expandir mais o seu próprio mercado interno, seu povo ganharia em renda e riqueza, e os Estados Unidos perderiam esta sorte. Os restantes 100 bilhões do déficit são cobertos por outros fluxos de capital, incluindo o serviço da dívida dos pobres latino-americanos e africanos que têm de pagar o principal das suas

dívidas já várias vezes mais e contudo manter crescendo o montante total devido pela rolagem a taxas de juros elevadas. A idéia de declarar o tipo de insolvência dos Estados Unidos fica contudo finalmente esclarecida.

Assim, a deflação/desvalorização em qualquer lugar do mundo tem algo como um ímã que atraiu o capital financeiro especulativo do resto do mundo —tanto dos Estados Unidos quanto dos outros países— para os certificados do Tesouro norte-americano [para fazer parar o déficit orçamentário dos Estados Unidos]. Isto foi o que alimentou e sustentou o seu mercado especulativo nos anos de 1990, que, em troca, aumentou, sustentou e espalhou mais amplamente uma crença especulativa e ilusória no aumento de riqueza para os proprietários de estoques norte-americanos e outros e, por intermédio disso, também um “efeito riqueza” ilusório sustentou o consumo e o investimento mais elevados. Não obstante, o declínio dos preços de estoque no mercado de sustentação atual e posterior é ainda uma bênção lucrativa para empresas que lançaram e venderam seus estoques nos mercados especulativos com preços de estoque altos e em elevação. Pois eles estão agora comprando de volta os seus *próprios* estoques, o que para eles são preços baixos e base de negócios vantajosos, preços que representam um enorme lucro para eles às expensas dos pequenos proprietários de estoques, que estão agora vendendo estes mesmos estoques a preços baixos e declinantes. A “prosperidade” norte-americana agora repousa no gume da faca também de uma instável e enorme dívida dos associados e dos consumidores internos [cartão de crédito, hipoteca e outros].

Além disso, os Estados Unidos estão também extensamente super endividados aos proprietários estrangeiros dos certificados do Tesouro norte-americano, dos estoques de Wall Street e de outros ativos, que podem ser cobrados por bancos centrais estrangeiros que têm mantido reservas em dólares norte-americanos e por outros proprietários estrangeiros da dívida dos Estados Unidos. De fato, foi exatamente a política norte-americana que contribuiu tanto para a desestabilização em todo mundo [por exemplo, através da desestabilização do Sudeste da Ásia, que solapou a economia japonesa e o sistema financeiro ainda mais do que poderia de outro modo ter sido feito], que agora ameaça e que logo agora torna muito mais provável que especialmente os proprietários japoneses e europeus da dívida norte-americana devam cobrá-la para manter em pé suas próprias economias e sistemas financeiros cada vez mais inseguros e instáveis. As obrigações dos Estados Unidos para com os estrangeiros agora equivale a dois terços do GNP anual norte-americano —e portanto nunca poderão ou serão pagas integralmente. Contudo, qualquer ingenuidade de rolar eternamente esta dívida pode trazer como resultado tentativas estrangeiras de retirar de lá tanto dinheiro quanto possam, trazendo como consequência a quebra do dólar.

Outra consequência importante é que a economia norte-americana —e do mundo!— está agora enredada num laço do qual muito provavelmente ela *não* pode se livrar recorrendo à bomba de ar [*pump priming*] keynesiana e muito menos à política macroeconômica de escala total e sustentar assim as economias norte-americana, ocidental e japonesa, tal como fizeram

os governos de Carter e de Reagan. O Keynesianismo Militar, disfarçado sob o monetarismo de Friedman/Volker e sob a Curva Supply-Sideism de Laffer, começou com Carter em 1977 e foi posta efetivamente em prática em 1979, quando Carter em seguida nomeou Paul Volker para o Federal Reserve, quem, em outubro de 1979, desviou a política monetária do Federal Reserve da alta criação de dinheiro/baixo preço de juros para a pretendida baixa criação de dinheiro/altos juros [para 20% de juros monetários!] para socorrer o dólar em razão da sua queda dos anos de 1970 e para atrair capital estrangeiro para o pobre Estados Unidos. Ao mesmo tempo, Carter começou o Keynesianismo Militar em junho de 1979, que foi então posteriormente desenvolvido pelo presidente Reagan. Nisso, eles tiveram depois sucesso.

Contudo, é muito improvável que agora políticas semelhantes possam novamente obter sucesso. Os Estados Unidos precisariam invocar novamente a mesma política re-flacionária para si e para seus aliados. Mas agora não podem fazer isso! O Federal Reserve já baixou tanto a taxa de juros que ela não pode baixar mais, e não é possível estimular investimentos fazendo isso. Por outro lado, elevar a taxa de juros para continuar a atrair capitais de fora arriscaria estrangular todos os investimentos e capitais aproveitáveis internamente. O Brasil tentou isso, provavelmente com taxas excessivas de juros monetários de 60% para atrair capital estrangeiro, e com isso arruinou a sua economia interna.

Os Estados Unidos podem [poderiam?, deveriam?] tentar então repetir o desempenho dos anos de 1980 para esgotar-se a si e os seus aliados [agora, menos o Japão e

mais a Rússia?], mas agora é muito mais profunda a recessão mundial e a depressão que rodeia ameaçadoramente o globo. Os Estados Unidos deveriam então novamente apelar para o déficit keynesiano maciço [usando o 11 de Setembro como um pretexto provavelmente para fins militares], para os gastos *re-flacionários* como a locomotiva a puxar o resto do mundo para fora das suas depressões econômicas. Contudo, os Estados Unidos são já o consumidor mundial de último recurso, mas podem ser assim com o dinheiro, os investimentos e as importações baratas vindas de fora, elementos que fazem parte do problema econômico global.

Além disso, para liquidar sua agora enorme e sempre crescente dívida externa, os Estados Unidos podem escolher também apelar para uma redução *in-flacionária* da carga daquela dívida para si mesmos e também do seu sempre crescente serviço da dívida externa. Mas, ainda assim, *não* poderiam —ao contrário do que fizeram no acima referido período anterior— evitar posteriormente a geração de uma *super* balança comercial, particularmente se as demandas do mercado caírem depois e se as pressões de fora aumentarem no sentido de exportar para os consumidores norte-americanos de último recurso. Mas agora *não* haverá influxos de capital de fora para socorrer a economia norte-americana. Pelo contrário, a pressão atual para baixo para desvalorizar o dólar norte-americano frente a outras moedas impulsiona uma saída de capital dos Estados Unidos, tanto dos bônus do Governo norte-americano quanto de Wall Street, onde o significativo declínio do preço de estoque gera posteriores declínios de preço e deflação em relação ao

munho, ainda que os Estados Unidos experimentem inflação interna.

O preço do petróleo é uma outra mosca no unguento econômico-político, cuja dimensão e importância são inversamente proporcionais à saúde ou doença do próprio unguento. E hoje este está muito doente e já em estado de deterioração. O preço mundial do petróleo foi sempre uma faca de dois gumes, cujos gumes cortantes podem perder o corte com a ajuda de políticas de preço e políticas econômicas alternativas bem-sucedidas. Por um lado, as economias e os países produtores de petróleo e seus interesses precisam de um patamar de preço mínimo para produzir e vender seu petróleo em vez de deixá-lo no subsolo e também postergar depois o investimento produtivo de petróleo enquanto espera tempos melhores. Os Estados Unidos é o produtor de petróleo de mais alto custo. Um alto preço do petróleo é economicamente e politicamente essencial também para países importantes, como a Rússia, o Irã e especialmente a Arábia Saudita, assim como para os interesses petrolíferos dos Estados Unidos. Por outro lado, um baixo preço do petróleo é bom para os países importadores de petróleo, seus consumidores, incluindo os produtores de outros produtos que consomem petróleo, e sustenta a macro política econômica estatal, por exemplo, nos Estados Unidos, onde os baixos preços do petróleo são boa política e também bom para a economia. Atualmente, a linha que divide o alto preço e o baixo preço entre ambos parece estar em torno de US\$ 20 o barril —no atual preço-valor do dólar! Mas ninguém parece estar em condições de manter o preço do petróleo neste nível. O atual conflito, há muito tempo não mais

dentro da OPEP [Organização dos Países Produtores e Exportadores de Petróleo], é travado principalmente entre a OPEP, que agora vende somente de 30 a 40% da produção mundial, e os outros produtores, que produzem 60%, hoje principalmente a Rússia, mas também incluindo o próprio Estados Unidos, que são tanto um produtor importante quanto o mercado principal, embora este esteja crescentemente se deslocando para a Ásia Oriental. A recessão em ambos os países e o resultante declínio na demanda de petróleo jogam o seu preço para baixo. A estratégia e a guerra norte-americanas contra o Afeganistão e o Iraque é para obter o máximo de controle do petróleo quanto seja possível e agora para dividir o menos possível com a Rússia o petróleo das regiões da Ásia Central, do Mar Cáspio e do Golfo Pérsico. E este controle, ainda que não se possa controlar o preço do petróleo, deve ser usado como uma importante alavanca econômica e geopolítica a ser manipulada contra os aliados norte-americanos dependentes da importação de petróleo na Europa e no Japão, e finalmente contra o seu inimigo estratégico, a China.

Pois a re-afiação de gastos keynesiana norte-americana, assim como a inflação não podem mais colocar o patamar abaixo do preço do petróleo requerido hoje e amanhã. Nenhuma política, mas somente recuperação que gerou demanda no mercado mundial —e/ou limitações no suprimento de petróleo— pode agora fornecer um patamar e evitar uma queda posterior no preço do petróleo —e seu impulso deflacionário sobre os outros preços. Em compensação, uma deflação posterior aumentaria a carga das já amplamente super-endividadas economias dos Estados Unidos, da Rússia e da

Ásia Oriental, para não falar de alguns países da Europa e do Terceiro Mundo.

Assim, a economia política do petróleo deve provavelmente acrescentar uma posterior pressão deflacionária. Isto deveria novamente —de fato já faz— enfraquecer significativamente os ganhos norte-americanos do petróleo e dos seus parceiros de fora, especialmente na Arábia Saudita e no Golfo Pérsico. De fato, o baixo preço do petróleo durante os anos de 1990 levou a economia saudita, que crescia anteriormente, para a falência. Isto provocou imediatamente o desemprego da classe média e um declínio significativo na renda, o que trouxe também uma insatisfação bastante difundida, e agora ameaça gerar uma insatisfação ainda maior exatamente no momento em que a monarquia saudita está já enfrentando problemas de transição geracional, internamente desestabilizadores. Além disso, um baixo preço do petróleo também tornaria novos investimentos não atraentes e postergaria tanto uma nova produção de petróleo quanto eliminaria os lucros potenciais da colocação de novos oleodutos na Ásia Central.

Na verdade, há ainda uma necessidade imediata mais urgente para os Estados Unidos, a de controlar as reservas de petróleo do Iraque, a segunda maior da região e a mais sub-aproveitada, com uma grande capacidade de aumentar a produção de petróleo e rebaixar os preços. Mas este não é nem todo nem sequer o cerne do problema. Muitas pessoas ficaram surpresas quando o presidente Bush juntou o Irã e a Coreia do Norte no que chamou de “eixo do mal”. No entanto, elas não podem ficar tão surpresas com os esforços norte-americanos de promover um golpe para mudar o regime na

Venezuela, que fornece em torno de 15% das importações norte-americanas. Então, muitas pessoas perguntam, o que estes países têm em comum? Bem, três deles possuem petróleo, mas não a Coreia do Norte. Então, qual é a ameaça dela para que Bush a ponha no seu eixo do mal. Certamente, não é uma questão de geografia ou de alianças [O Iraque e o Irã eram inimigos mortais, e a Coreia do Norte não joga bola na sua liga]. A resposta é simples e resolve não somente este enigma, mas o que poderia de outro modo aparecer como uma política externa norte-americana bastante confusa e embaraçosa: [1] o Iraque mudou o preço do seu petróleo de dólar para euro em 2000; [2] o Irã ameaça fazer o mesmo; [3] a Coreia do Norte mudou para negociar somente com euros; [4] a Venezuela retirou parte do seu petróleo do preço em dólar e em vez disso está trocando este petróleo por produtos com outros países do Terceiro Mundo. Além de ser um velho amigo meu, o venezuelano Francisco Mires, no quartel-general da OPEP em Viena, propôs que todos os países da OPEP deveriam trocar o preço do seu petróleo de dólar para euro! Nada mais, nenhum traço de terrorismo poderia ser mais ameaçador para os Estados Unidos; pois toda e qualquer coisa que pudesse retirar o suporte do dólar faria que os importadores de petróleo não mais comprassem dólares, mas ao contrário usassem euros para comprar o petróleo. Realmente, eles desejariam também substituir suas reservas em dólares por euros. O Iraque já ganhou em torno de 15% com esta mudança, na medida em que o euro cresceu frente ao dólar. E, além disso, os países árabes produtores de petróleo, que agora vendem seu petróleo por notas de dólar,

difficilmente continuariam a girar em torno disso e a gastar este dólar novamente com as ferragens militares dos Estados Unidos. É este cenário aterrorizante que a ocupação norte-americana do Iraque está querendo evitar, com o Irã sendo o próximo da lista. Curiosamente, este detalhe do petróleo-dólar-euro nunca é mencionado pelo governo norte-americano ou pelos meios de comunicação. Não é de admirar que os maiores Estados europeus estão contra a política de Bush no Iraque, que é sustentada apenas pelo Reino Unido, que é ele próprio produtor de petróleo no Mar do Norte. É simples como uma pequena peça de informação casual pode fazer as outras peças de todo o quebra-cabeça cair no lugar certo!

Todos estes problemas e desenvolvimentos atuais agora ameaçam puxar o tapete [irão?] por baixo das finanças e da economia política dos Estados Unidos, tanto internamente quanto internacionalmente. A única proteção ainda disponível para os Estados Unidos ainda deriva de seus antigos e ainda únicos dois pilares da “*Nova Ordem Mundial*”, que foram estabelecidos pelo presidente Bush pai, depois da “Guerra do Golfo de Bush” contra o Iraque e da dissolução da União Soviética em 1991. O presidente Bush filho está agora tentando consolidar a nova ordem mundial do seu pai [sem dúvida com este último ainda como um poder atrás do trono], começando com a *Guerra contra o Afeganistão* e ameaçando mais uma vez o Iraque, e com esforço de Bush-Putin agora também para construir um Acordo entre Estados Unidos e a Rússia —ou é isto o Eixo.

O pilar dólar está agora ameaçando se desintegrar, como já aconteceu depois da

Guerra do Vietnam, mas permaneceu até agora de pé durante três décadas como uma colcha de retalhos terapêutica. Mas, como vimos, os Estados Unidos estão agora fugindo dos outros remédios econômicos para manter o pilar dólar de pé. Bastaria somente a proteção para gerar uma grave inflação num curto espaço de tempo, devendo ser cunhados ainda mais dólares norte-americanos para o serviço de sua dívida, o que solaparia então a sua força, quebraria o pilar dólar e enfraqueceria o suporte de que ele dispõe ainda mais.

Isto deixaria apenas o pilar militar norte-americano para sustentar a economia política e a sociedade norte-americanas. Mas este pilar e a confiança neste pilar também carregam consigo perigos. Visivelmente, este é o caso para o Iraque, para a Iugoslávia e para o Afeganistão e naturalmente para todos os outros países que são por intermédio disso obrigados a jogar bola pelas regras norte-americanas na sua nova ordem mundial, sob pena de trazer para si o mesmo destino. Mas a chantagem política para participar na nova ordem mundial nos termos dos Estados Unidos também se estende para aos aliados dos Estados Unidos —especialmente para a OTAN— e para o Japão. Isto foi feito assim na Guerra do Golfo [outros países pagaram as despesas norte-americanas para que os Estados Unidos obtivessem um lucro líquido com esta guerra], na guerra dos Estados Unidos contra a Iugoslávia, na qual a OTAN e seus Estados-membros foram induzidos com lições a participar, e depois na Guerra contra o Afeganistão, como parte do pronunciamento da nova política do presidente Bush. Ele usou a velha terminologia da Guerra Fria de John Foster Dulles, que

dizia: “Ou vocês estão conosco ou contra nós”. Mas a confiança norte-americana nesta terminologia, a então apenas remanescente estratégia da chantagem político-militar, pode também levar os Estados Unidos à bancarrota, na medida em que o fracasso do pilar dólar não o sustente também; e isto pode vir também a impor a “super-extensão” [*overstretch*] nos termos de Paul Kennedy ou a “retro-explosão” [*blowback*] nos termos da CIA e de Chalmers Johnson.

Num inglês simples e claro, os Estados Unidos têm somente dois recursos em que confiar, ambos provavelmente de importância mundial, mas talvez, ainda assim, insuficientes. São o dólar e seus recursos político-militares. Para o primeiro, as galinhas econômicas do esquema de Ponzi da pirâmide de cartas dos Estados Unidos estão agora voltando para casa para se empoleirar no próprio Estados Unidos.

O segundo pilar está agora em prática para apoiar a nova ordem em todo o mundo. Mais importante talvez seja a atual proposta de acordo entre os Estados Unidos e a Rússia contra a China, em vez de [ou para realizar] uma defesa dos Estados Unidos contra o acordo Rússia-China [e a Índia?]. A guerra da OTAN contra a Iugoslávia gerou movimentos na direção desta última proposta, e a guerra dos Estados Unidos contra o Afeganistão promove a primeira. Que Deus ou Alah proíbam que qualquer dessas possibilidades ou a sua Guerra Santa contra o Islã venha a nos explodir ou venha a provocar os outros para fazê-lo.

O que quer que seja, a chantagem imperial político-militar dos Estados Unidos pode ainda retro-explodir também sobre os Estados Unidos, não exatamente por causa

força, mas por causa da fraqueza de um verdadeiro Tigre de Papel. Então, quem demonstra alguma força? O Dragão Chinês!

### **O Dragão de Fogo: a China na Ásia Oriental**

A crise financeira e econômica irrompeu na Ásia Oriental em 1997 e trouxe evidente alívio a muitos observadores no Ocidente. Como resultado disso e malversada pela reportagens diárias dos meios de comunicação impressa, por negócios de curto prazo e pela política e análises governamentais, mesmo a opinião pública “informada” no Ocidente mudou novamente. Agora se diz que o primeiro “Milagre da Ásia Oriental” foi não mais do que um milagre, um sonho para alguns e um pesadelo para outros. As supostas explicações prévias e as estratégias de sucesso imediatas estão sendo abandonadas novamente tão rapidamente quanto vieram a se formar. Ouvimos menos a respeito dos valores ou garantias asiáticos do mágico do mercado e não há mais certeza vinda do capitalismo de Estado. Isto é o melhor que eu poderia dizer, já que estas supostas explicações e políticas corretas nunca foram mais do que imposturas ideológicas em qualquer sentido.

A evidência histórica apresentada no meu livro *Re-Orient* [University of California Press, 1998. A 4ª edição em 2002 também nas traduções chinesas e japonesas. Uma edição coreana está por vir] mostra que nenhuma forma institucional particular ou prática econômica política oferece ou dá conta do sucesso [ou do fracasso!] no competitivo ou sempre mutável mercado mundial. A evidência contemporânea mostra a mesma coisa. A esse respeito, o famoso aforismo de Deng Xiaoping está correto.

A questão não é se os gatos são institucionalmente, para não dizer ideologicamente, pretos ou brancos; o verdadeiro problema mundial é se eles pegam ou não ratos econômicos na sua concorrência com outros gatos no mercado mundial. E isto depende muito menos da cor institucional do gato do que da sua posição favorável na economia mundial em cada lugar e tempo particulares. E já que os obstáculos e as oportunidades no mercado mundial competitivo muda em relação a tempo e lugar, para ser bem-sucedido, o gato econômico, não importa qual seja a sua cor, deve se adaptar a estas mudanças ou fracassar absolutamente na sua tentativa de pegar ratos. Dentre estas formas institucionais diferentes, incluindo relações entre Estado, finanças e organizações produtivas e de mercado, talvez a avaliação mais atenta e positiva tenha sido dedicada no exterior àquelas da Coreia e depois do Japão, mas também da China Maior, incluindo sua vasta rede de chineses no estrangeiro. Mas o verdadeiro fato de que eles diferem, em Taiwan, Singapura, Malásia, Indonésia e também em qualquer outro lugar, deveria nos precaver contra privilegiar uma forma institucional sobre todas as outras.

No melhor dos casos e isto já é muito, a evidência é que nenhuma destas formas institucionais é necessariamente um impedimento ou um obstáculo insuperável para obter êxito no mercado interno, regional ou mundial. Muito digno de nota talvez, na visão da difusa propaganda ocidental a respeito de suas próprias supostas virtudes, é o fato demonstrado de que o modelo ocidental precisa ou deve ser seguido pelos asiáticos na Ásia ou em qualquer outro lugar.

O significado da posição e da resposta flexível na economia mundial é particularmente importante durante períodos de crise econômica da fase “B”, que é para os chineses de perigo [negativo] e de oportunidade [positivo]. Na atual crise econômica, por enquanto, o foco tem estado muito predominantemente nas suas conseqüências negativas, sem dúvida graves. Mas as oportunidades que ela coloca têm recebido atenção insuficiente, exceto talvez nos Estados Unidos e na China, ambos os quais estão buscando tirar proveito de vantagens comparativas dos problemas econômico-políticos e da suposta fusão disruptiva do Japão, da Coreia e do Sudeste Asiático.

Mas a destituição das forças e das expectativas econômicas da Ásia Oriental, particularmente da China, pode ser prematura e certamente está baseada numa negligência imprevidente da evidência histórica, tal como foi apresentada em *Re-Orient*, e depois perseguida na seqüência do século XIX em preparação e numa grave interpretação errada da evidência contemporânea. Eu acredito que esta última rápida destituição da Ásia está equivocada pelas seguintes razões dentre outras:

Já que a Ásia e especialmente a China eram economicamente poderosas no mundo até uma época relativamente recente, e novos conhecimentos agora datam o declínio como realmente começando somente na segunda metade do século XIX, é bem possível que ela possa logo voltar a sê-lo novamente. Ao contrário da mitologia ocidental do século passado, a dominação asiática no mundo foi somente interrompida até então por um relativamente curto período de apenas um século, no máximo de um século e meio. O sempre suposto

declínio da China de meio século ou mais é puramente mitológico.

O sucesso econômico da China e de outros países asiáticos no passado não estava baseado nos modelos ocidentais; e o sucesso econômico bastante recente da Ásia não estava baseado no modelo ocidental. Portanto, não há uma boa razão para que o Japão e outros países asiáticos precisem ou devam copiar o modelo ocidental ou outro qualquer. Os asiáticos podem conduzir seus próprios meios e não têm uma boa razão para agora substituí-los pela via ocidental, tal como afirma a suposta única via para sair da atual crise econômica. Pelo contrário, a confiança asiática nas outras vias é prova de força e não de fraqueza.

O fato de que a crise atual visivelmente se espalha do setor financeiro para o setor produtivo não significa que este último seja fundamentalmente fraco. Pelo contrário, a atual crise de superprodução e de excessiva capacidade é a comprovação da força subjacente do setor produtivo, que pode se recuperar. De fato, foi o excesso de capacidade e de produtividade que leva à superprodução no mercado mundial que iniciou a crise financeira, para começar, quando os lucros do comércio externo asiático na conta comercial não eram mais capazes de financiar seu serviço da dívida especulativa de curto prazo.

Não é que a recessão econômica será ou poderá ser evitada no futuro. Ela nunca foi evitada no passado, mesmo com o planejamento estatal na China e na União Soviética. Mais importante é que esta é a primeira vez em um século que uma recessão mundial começou não no Ocidente para depois se mover na direção do Oriente, mas que, ao contrário, começou no Oriente e

depois se moveu para o resto do mundo a partir daí. E foi por isso precisamente que a capacidade produtiva e de exportação da Ásia Oriental e particularmente do Japão, da Coreia e depois da China cresceu *tanto*. Esta recessão pode portanto ser interpretada como uma evidência, não tanto da fraqueza transitória, mas da força econômica básica crescente da Ásia Oriental, para qual o centro de gravidade da economia mundial está agora retornando, para onde estava antes da Ascensão do Ocidente.

A recessão no setor produtivo foi curta, especialmente na Coreia e até então ausente na China. Mas foi também severa, especialmente na Indonésia. E as ondas de choque a partir do setor financeiro para os setores produtivo, de consumo e político foram visivelmente — e para todos, exceto para os totalmente cegos, intencionalmente — exacerbadas pelas políticas de choque econômico impostas sobre os governos asiáticos pelo FMI, como é comum, seguindo os ditames do Tesouro norte-americano, que sistematicamente representa os interesses financeiros dos Estados Unidos às expensas dos interesses populares em qualquer outro lugar no mundo. O anterior vice-presidente do Banco Mundial, membro consultor do Conselho de Economia do presidente dos Estados Unidos, Joseph Stiglitz [2002], nos forneceu uma visão de dentro destes acontecimentos intencionais no seu livro *Globalização e seus Descontentes*.

Isto também permitiu que os interesses ocidentais tirassem proveito do declínio da força produtiva e financeira na Coreia e em qualquer outro lugar para comprar ativos em acordos comerciais básicos a preços de liquidação [fire-sales prices]. Ainda assim,

a força subjacente da economia coreana era tal que os estrangeiros eram mesmo então incapazes de alterar significativamente a estrutura financeira, produtiva, de propriedade e estatal a seu favor. A máquina produtiva e financeira coreana logo se recuperou novamente para seguir em frente, mas agora com uma lição árdua bem aprendida. A lição deve ter sido aprendida também noutros lugares, comparando o quanto relativamente ilesas a China e a Malásia [e como já mencionado, por diferentes razões, a Coreia] saíram da crise financeira. Elas mantiveram controles sobre as exportações de capital, comparadas àqueles países que sucumbiram ao remédio letal ministrado pelo FMI, ao permitir um fluxo de capital especulativo que destruiu seu aparelho produtivo e multiplicou o desemprego num insuportável problema econômico, social e político, especialmente na Indonésia.

A força econômico-política subjacente também coloca a Ásia Oriental, e especialmente a China, o Japão e a Coreia, numa posição muito mais favorável do que o resto do Terceiro Mundo e mesmo da Rússia e da Europa Oriental para resistir à chantagem ocidental, tal como ela é agora exercida pelo Departamento do Tesouro dos Estados Unidos através do Fundo Monetário Internacional, do Banco Mundial, da Organização Mundial do Comércio, de Wall Street e de outros instrumentos.

O verdadeiro procedimento e custo das concessões da Ásia Oriental a esta pressão ocidental na recessão passada torna politicamente mais provável, já que isto é economicamente possível, que a Ásia Oriental tomará medidas, incluindo especialmente uma nova coligação financeira e instituições

bancárias, que podem evitar um retorno da atual situação no futuro, escapando do laço de estrangulamento dos mercados de capitais controlados pelo Ocidente. Stiglitz observa estes esforços já nas suas recentes discussões privadas com as autoridades asiáticas, como é reportado no seu livro.

Realmente, uma das atuais batalhas, em primeiro lugar travadas pelo Japão e agora também pela China, é para remodelar as instituições comerciais e financeiras mundiais, que estavam destinadas pelos Estados Unidos a operar a seu favor. Assim, o Japão queria estabelecer um fundo monetário asiático para evitar que a recessão na Ásia Oriental se aprofundasse, tal como tem ocorrido graças ao Fundo Monetário Internacional baseado e subserviente a Washington. E a China entrou para a Organização Mundial do Comércio, mas também quer que esta instituição dominada pelo Ocidente seja reformada para seu proveito.

Uma luta econômico-política relacionada com isso é a concorrência entre os Estados Unidos e a China para substituir o Japão, a Coreia e o Sudeste Asiático no mercado, tirando vantagem de sua bancarrota. O capital norte-americano está comprando algumas facilidades produtivas da Ásia Oriental a preços comerciais básicos, embora a China esteja esperando que todos eles ou sejam jogados para fora do mercado competitivo, ou, caso contrário, que se comprometam em operações conjuntas. De fato, foi a desvalorização da moeda chinesa antes de 1997 que reduziu a quota do mercado mundial de outras economias asiáticas e corroborou para gerar a própria crise financeira. Somente o tempo dirá qual a estratégia terá mais sucesso, mas a China e talvez também alguns países do Sudeste Asiático

parecem como a melhor aposta no longo prazo. Além disso, não importa o quão profunda é a recessão no Japão; nem por isso ele é eliminado como sendo um poder econômico, especialmente na Ásia. Contudo, há evidência de que a China está tentando reconstruir o comércio e o sistema tributário da Ásia Oriental, em cujo centro ela estava no século XVIII e que as potências coloniais ocidentais desmantelaram no século XIX.

Também significativo é que a Índia e mais recentemente, numa escala menor, a China permaneceram substancialmente imunes à atual recessão, graças em parte à inconversibilidade das suas moedas, o yuan e a rúpia, e à válvula nos seus mercados de capitais, que permite a entrada, mas controla a saída de capital. A desvalorizações da moeda dos concorrentes da China em outros lugares da Ásia Oriental e o reduzido influxo para a China dos capitais chineses no estrangeiro e japoneses, que são negativamente afetados pela recessão na Ásia Oriental, pode obrigar também a China a uma nova desvalorização para permanecer competitiva. Não obstante e apesar dos seus graves problemas econômicos, as economias chinesa e japonesa parecem já estar e continuar capazes de se tornarem suficientemente produtivas e fortes competitivamente para resistir e superar estes problemas. No Sudeste Asiático, a Malásia tem seguido com sucesso o modelo chinês de abrir seu mercado de capitais a influxos, mas restringindo especialmente os fluxos para fora de suas fronteiras do capital especulativo. A Coreia não precisou destas medidas emergenciais, já que recebeu relativamente pouco capital estrangeiro para começar.

É notável que as regiões mais dinâmicas economicamente da Ásia Oriental hoje também são, ainda ou novamente, exatamente as mesmas de antes de 1800 e que sobreviveram no século XIX.

No Sul, Lingnan centrada em Hong Kong —no corredor Guangzhou.

Fujian, ainda centrado em Amoy/Xiamen e focalizado nos estreitos de Taiwan e todo o Sudeste Asiático no sul do Mar da China; e entre eles,

O Vale do Yangtse, centrado em Shanghai, e o comércio com o Japão que está já tomando a dianteira novamente das regiões sudeste e nordeste.

Mas já então havia também uma quarta região econômica em torno do norte do Mar da China, as relações de comércio quadrangular entre a Manchúria e outros lugares no Nordeste da China, o Extremo-Oriente da Sibéria/Rússia, o [nordeste?] do Japão, e a Coreia, mas também incluindo a Mongólia. Embora estas três primeiras regiões acima citadas estejam já experimentando um tremendo crescimento econômico [e de poder político?] no sentido absoluto do termo, a quarta região em volta da Coreia parece desfrutar do maior crescimento relativo, e dentro dela o capital coreano também. Ela está ajudando a desenvolver recursos no Extremo-Oriente da Rússia e também na Ásia Central, no Kasquístão. A população chinesa do lado russo do Rio Amour foi estimada já como excedendo a 5 milhões de pessoas, constituindo um bolo de trabalho barato. A provável mudança política no DRNK pode muito bem acrescentar uma nova fonte de trabalho barato para este crescente bolo de trabalho na Região do Nordeste Asiático e para seu Extremo-Oriente russo também uma

base barata de recursos metalúrgicos, florestais, agrícolas e mesmo petrolíferos. Os capitais coreanos e japoneses podem fazer disto um pólo de crescimento regional muito atraente em si e uma região muito competitiva no mercado mundial.

Todas estas regiões, em compensação, foram, ainda ou novamente, e são crescentemente segmentos importantes do comércio mundial e da economia global. Nesse sentido também e embora sua história termine em 1800, uma investigação da economia mundial e do lugar predominante nele da Ásia Oriental, incluindo a economia coreana, aponta para as bases mais fundamentais do desenvolvimento econômico contemporâneo na região e também pressagia importantes desenvolvimentos econômicos num futuro previsível.